

# *revista Eptic*

v. 27, n. 1, jan.-abr., 2025  
ISSN: 1518-2487

**Apresentação da Revista**

**Presentación de la revista**

**Journal presentation**

Helena Martins, pela equipe editorial



Creative Commons



Atribuição



Não comercial



Compartilha igual

<https://br.creativecommons.net/licencas/>

A Revista EPTIC inaugura este novo ano de publicação trazendo o Dossiê Temático Estudos críticos sobre a televisão e suas transformações. Em um ano repleto de efemérides, entre elas os 60 anos da TV Globo, objetivamos refletir sobre a televisão, uma tecnologia e uma forma cultural central na história das comunicações no Brasil e no mundo. Embora novas questões associadas às plataformas digitais venham ganhando centralidade nas discussões acadêmicas, a televisão, seja pelo papel histórico, pelas relações de poder ou mesmo pelos índices de audiência que registra, segue sendo espaço para a conformação de uma cultura adequada às demandas capitalistas, bem como para a tradução das culturas e reivindicações populares nos termos da Indústria Cultural, ainda que com resistências.

Para a Economia Política da Comunicação (EPC), historicamente a televisão tem sido um objeto privilegiado. Das questões envolvendo a privatização dos sistemas de radiodifusão europeu, passando pela influência da produção audiovisual norte-americana e alcançando a configuração de uma televisão adequada às demandas do capitalismo tardio na América Latina, a EPC destaca-se pela análise crítica da TV, evidenciando suas relações com o próprio desenvolvimento do capitalismo e com os interesses políticos e econômicos locais.

No Brasil, a EPC dedica-se à crítica da relação entre a televisão e o desenvolvimento do capitalismo no país. Cumpre ter em vista que, enquanto na Europa o modelo estatal ou público (caso da BBC, mantida diretamente por seu público) de rádio se estendeu para as emissoras de TV, começando a ser revertido apenas a partir do ataque neoliberal da década de 1980, no Brasil o modelo público de rádio, capitaneado por Roquette-Pinto e anterior mesmo ao da BBC, sucumbiu em menos de dez anos. O interesse de capitalistas pelo controle privado que traria lucro suplantou o interesse público, o que foi conseguido a partir de uma campanha iniciada já no primeiro ano das emissoras de rádio no país, na década de 1920, que destacava que o financiamento pela publicidade faria o rádio ser de graça e os pobres poderiam ter acesso sem pagar anuidade - raciocínio que dispensava a necessidade de melhorar a distribuição de renda no Brasil. Quando a TV nasce privada, em 1950, isso não causa estranhamento, a não ser para os poucos defensores de uma TV educativa pública ou estatal. Nos anos 1970, a Indústria Cultural se consolida, acompanhando o novo momento do capitalismo no Brasil e sua demanda tanto pela integração do mercado nacional quanto pelo controle ideológico. Questões que foram abordadas por diferentes perspectivas analíticas, como a Sociologia da Comunicação, e que estão no cerne da EPC no país.

O próprio desenvolvimento da EPC enquanto subcampo e sua agenda de pesquisas refletem as transformações sofridas por essa que foi a principal expressão da Indústria Cultural ao longo do século XX. As pesquisas no âmbito da EPC voltam-se também à abordagem das transformações envolvendo a convergência e, mais recentemente, a plataformização da radiodifusão. O dossiê apresentado nesta edição dá continuidade a tal trajetória, contribuindo para a observação de problemas conhecidos e, sobretudo, daqueles associados às transformações em curso.

Além do dossiê, a edição apresenta dois textos que nos auxiliam a visualizar caminhos alternativos na produção midiática. São eles: *O boom das WebTVUs: aspectos conceituais e potencialidades interativas*, de Ricardo Borges Oliveira, e *Wikipedia, dos bots à IA: Uma história de colaboração sociotécnica*, de Augustín Zannoti. Em meio a um cenário que pode ser rotulado como distópico nas comunicações, com a hegemonia de poucas corporações, agora abertamente associadas ao projeto político da extrema-direita, cumpre destacar as alternativas e visualizar seus desafios, passo inicial para superá-los.

Por fim, ao longo da preparação deste número, recebemos a triste notícia do falecimento de Dênis de Moraes, jornalista, professor e militante que se dedicou à análise crítica das comunicações, nas mais variadas vertentes. Seu olhar arguto voltou-se à análise da imprensa no golpe de 1964, tanto da hegemônica quanto da vinculada à esquerda; às transformações

associadas à globalização capitalista e o papel dos intelectuais, sem retirar do primeiro plano as práticas contra-hegemônicas. Seus trabalhos sobre o pensamento de Antonio Gramsci enriqueceram o encontro do legado do filósofo marxista italiano com os estudos comunicacionais e inspiraram diversas gerações de pesquisadores. Como homenagem, dedicamos a Dênis de Moraes este número. Também lamentamos a partida e celebramos a memória do professor Ismar Capistrano, dedicado pesquisador e militante da comunicação população e pela democratização da comunicação. Que sigamos construindo debates e ações emancipatórias.

Boa leitura.